



A GEOGRAFIA DA PELE UM BRASILEIRO IMERSO NA ÁFRICA PROFUNDA

Autor Evaristo de Miranda

Editora Record

2015

364 páginas

ISBN 8501106704

ISBN 9788501106704

O autor deste livro é um agrônomo brasileiro. Na década de 1970, por vários anos, ele realizou pesquisas na África, ao sul do Saara, sobre agricultura, cultura e meio ambiente. Ele viveu no Níger, no pleno sentido da palavra: aprendeu a língua local, habitou em vilarejos hauçás, cortou seus contatos com o Mundo Ocidental, e peregrinou com nômades tuaregues e peuls ao ritmo das estações.

Ali, muito antes da violência radical do Boko Haran, o Islã convivia em paz com o animismo, as crenças religiosas e as culturas ancestrais. Através de um guia zarolho, o autor foi levado a participar de circuitos comerciais inusitados e de uma estranha gastronomia local, feita de morcegos, cervejas clandestinas e frutos invisíveis, que coloriam a boca e a alma com os tons do arco-íris.

Em seu cotidiano com agricultores, em meio a um labirinto de campos de milho, cabanas e celeiros de palha, ele teve sua pele marcada por insetos urticantes. Essas marcas se revelaram, na realidade, uma misteriosa escrita cujo significado ele foi pressionado, em vão, a descobrir junto a marabus, especialistas locais da literatura entomológica.

Por conhecer as fases da lua e dispor de um veículo 4 x 4, ele ajudou a organizar uma expedição às ruínas rochosas e metálicas de uma cidade desaparecida há séculos na Nigéria, conduzido

por um ferreiro colecionador de meteoros e metais caídos dos céus ou extraídos da terra, em rituais que vertiam sangue, num trabalho de parto masculino.

Uma jovem pastora sem braços, que falava com cachorros, amarrava fitas em árvores e desejava ser parteira, o introduziu em mundos desconhecidos, onde bois emergiam de poços, baobás respiravam, ventos se reconheciam por sabores e, ao entardecer, árvores expressavam com palavras seus verdes sentimentos. Cada uma segundo sua espécie.

Com um pastor peul, em uma viagem astral e vegetal, o autor descobriu os caminhos para deslocar os rebanhos rumo ao Saara. Esse mapa era traçado pela interpretação cósmica das formas lunares dos chifres dos bois, as fases da lua e o caminhar das nuvens. Com uma vestimenta de couro, ele compartilhou os passos do único grupo humano do planeta a não possuir território, que determina o sexo dos filhos socialmente antes de nascerem e aspira tornar-se, na eternidade, boi hermafrodita.

Após anos de pesquisa, seus itinerários rumo ao Norte, pelas dunas do Saara, o conduziram a viver numa tenda movediça com os tuaregues, trocando presentes com chefes militares, bebendo leite de camelas entre escravos buzús, contando cada gota de água exalada de seu corpo. Com a perspectiva de casar-se, logo após o Ramadan, com uma jovem de olhos verdes azulados, tão turquesas quanto as que ela ostentava em seus colares. Foi por pouco. E a história acabou em derrisão.

Como um hauçá e com os hauçás, ele aprendeu a conjugar os pronomes e não os verbos; a tratar de forma simultânea uma infinidade de assuntos em conversas ilógicas sob árvores de palavras; a conduzir um vilarejo inteiro numa viagem imaginária até a França, atravessando o Saara e o Marrocos e a enfrentar, sem sucesso, nuvens de gafanhotos. Sob a inclemência da seca viu pais venderem as filhas e as crianças serem abandonadas sob as árvores, junto com idosos, para morrerem lentamente de inanição.

Sobre alguns episódios dessa experiência de humanidade, considerados segredos tribais, ele prometeu aos africanos guardar silêncio por trinta anos. Agora, o mestre do tempo o autorizou falar e percorrer “**A Geografia de Pele**”.

Opinião do escritor francês Gilles Lapouge sobre o livro:

“Eu li a sua geografia da pele e estou encantado. A maioria dos livros com relatos de viagem me deixa consternado, especialmente depois que a literatura dos viajantes virou moda. Em geral, um cara diz que pegou um avião, chegou a Nova Guiné, viu pássaros e aborígenes. Em seguida, ele conta alguns mitos e acrescenta um toque de filosofia antes de voar de volta. Seu texto, Evaristo, não tem nada a ver com isso. Em primeiro lugar, porque relata uma experiência profunda, realmente "exótica" e, especialmente, a "coisa vista" de Stendhal triunfa em seu texto.

Escrito com graça, o dom do humor está presente em todo o livro. O drama das cantáridas é, me parece, um modelo: ali aprendemos um monte de coisas sérias sobre esse inseto

extravagante e o comportamento estupefato do jovem engenheiro é uma delícia de *drôlerie*. O humor cumpre aqui uma das tarefas fundamentais da etnologia: mostrar a um tempo a diferença e a semelhança entre o intelectual vindo da Europa e a sociedade distante na qual está imerso.”

A GEOGRAFIA DA PELE UM BRASILEIRO IMERSO NA ÁFRICA PROFUNDA

SUMÁRIO

A GEOGRAFIA DA PELE
AS PENAS DO MARABU
UM PÉ NA COZINHA
ASAS CROCANTES
SABORES AFRICANOS
OS VÍCIOS DO LEITE
CASA DE FERREIRO
O DINHEIRO DO CHEFE
O DESTINO DOS CEREAIS
ABORTOS MINERAIS
RUINAS METÁLICAS
O FERRO CELESTE
LOUCOS E REBANHOS
A PASTORA SEM BRAÇOS
OS CACHORROS DA PARTEIRA
RUMORES VEGETAIS
A ÁRVORE DA PALAVRA
UM SÍMBOLO DO MUNDO
A TRAVESSIA DO SAARA
POR TERRA, MAR E AR
JOGOS DE ADEUS
AS VERDES VIRTUDES

OS CAMINHOS DAS AVES
UM CÉU DE CHIFRES
UM SOLUÇO PROFUNDO
UMA ALIANÇA DE FERRO E LEITE
A MARCHA DAS SOMBRAS
NA PALMA DAS MÃOS
O PARTO DO RETORNO
O SOL NA PONTA DE UMA CORDA
O LUTO COR DE LARANJA
RUMO AO NORTE
O ÚLTIMO LUGAR
CORES E REBANHOS
A GRANDEZA DA FOME
ENCONTRO DE AVÓS
A TENDA MOVEDIÇA
SAUDADES DO DESERTO
A ARTE DE COSTURAR
A ESPADA E A FLECHA
FINAL DE RAMADAN
UMA ESCRAVA BUZÚ
UM MERGULHO PARA OS CÉUS
EPÍLOGO
PRINCIPAIS PLANTAS E ÁRVORES CITADAS